

A ESCOLA E A ARTE DE RUA: UMA EXPERIÊNCIA NO CPII CAXIAS

Martha Carvalho Nogueira*

RESUMO: Neste artigo, apresento um relato de experiência vivida no Colégio Pedro II – *Campus* Duque de Caxias com estudantes do ensino médio. O projeto de Iniciação Artística e Cultural, voltado para o estudo das manifestações da arte urbana na Baixada Fluminense, foi desenvolvido ao longo dos anos 2018 e 2019 em parceria com a professora de artes visuais. Um dos principais objetivos do trabalho foi o de promover uma aproximação entre a escola e a arte de rua, gerando reflexões sobre a construção coletiva dos espaços urbanos. Nesse sentido, manter contato com artistas que atuam em diferentes vertentes da arte de rua no entorno da nossa escola e acompanhar e promover eventos relacionados ao tema dentro e fora do espaço escolar foram estratégias fundamentais, além da realização de entrevistas e de registros audiovisuais. Os desdobramentos de nosso aprendizado com esse projeto no que diz respeito ao fortalecimento da autonomia dos estudantes e das possibilidades de se experimentar viver a arte de rua dentro da escola são aspectos centrais nesse relato, que aponta para a possibilidade de produção coletiva do conhecimento no espaço escolar e para a possibilidade da construção de pontes que nos levam além dos muros da escola, em busca da arte, da cultura e da troca de saberes.

Palavras-chave: Arte de rua, Iniciação Artística e Cultural, Baixada Fluminense, Colégio Pedro II

ABSTRACT: In this article, I present an account of the experience lived at Colégio Pedro II – *Campus* Duque de Caxias with high school students. The Artistic and Cultural Initiation project, aimed at studying the manifestations of urban art in the Baixada Fluminense, was developed over the years 2018 and 2019 in partnership with the visual arts teacher. One of the main goals of the work was to promote an approximation between school and street art, generating reflections on the collective construction of urban spaces. In this sense, maintaining contact with artists who work in different aspects of street art around our school and monitoring and promoting events related to the theme inside and outside the school space were fundamental strategies, in addition to interviews and audiovisual records. The consequences of our learning with this project with regard to strengthening students' autonomy and the possibilities of experiencing street art inside the school are central aspects in this report, which points to the possibility of collective production of knowledge in school space and the possibility of building bridges that take us beyond the school walls, in search of art, culture and the exchange of knowledge.

Key Words: Street Art, Artistic and Cultural Initiation, Baixada Fluminense, Colégio Pedro II

Introdução

* Professora de sociologia do Colégio Pedro II – *Campus* Duque de Caxias. Doutora em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ)

Necessária como a ciência, não suficiente, a arte traz para a realização da sociedade urbana, sua longa meditação sobre a vida como drama e fruição. Além do mais, e sobretudo, a arte restitui o sentido da obra; ela oferece múltiplas figuras de tempos e de espaços apropriados: não impostos, não aceitos por uma resignação passiva, mas metamorfoseados em obra.

(Henri Lefebvre)

Em 2019 desenvolvi um projeto com estudantes do ensino médio do *campus* Duque de Caxias do Colégio Pedro II, dando continuidade a um trabalho anterior sobre arte urbana na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, onde se localiza nossa escola. Apesar de serem mais reconhecidos pelos graves problemas sociais e pelos altos índices de violência, os municípios da Baixada são palco de diversas manifestações da arte urbana, muitas vezes produzida por coletivos de artistas que realizam projetos independentes, contando com pouco ou nenhum incentivo. Com interesse nessa realidade de intensa efervescência cultural, participei em 2018 de um edital para projetos de Iniciação Artística e Cultural, junto com a professora de artes visuais, Janaína Laport¹.

Como desdobramento do projeto anterior, a proposta feita às três alunas que receberam as bolsas de Iniciação Artística e Cultural em 2019 e aos outros quatro estudantes que se integraram como voluntários ao projeto, foi de que recuperássemos alguns registros de trabalhos de campo, entrevistas e eventos realizados em 2018 e que pudéssemos promover outros eventos e trabalhos de campo com o objetivo de reunir imagens para a realização de um pequeno documentário.

O novo título do projeto “*Arte urbana e a cidade como obra coletiva*”, buscando inspiração na obra do sociólogo francês Henri Lefebvre, sugeria uma abordagem centrada na ideia de apropriação do espaço urbano pelos artistas de rua, objetivando avaliar sua participação ativa na construção coletiva dos espaços por meio da arte e de suas atividades criadoras². Com

1 O edital, publicado pela Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, previa a concessão de bolsas a estudantes visando sua iniciação no universo das artes e da cultura, e esteve disponível, em diferentes edições em anos seguidos, para professores interessados em desenvolver projetos nessa área. Em 2018, nosso projeto, que recebeu o título “*Arte urbana e a reinvenção do espaço público*”, contou com a participação de 11 estudantes bolsistas e uma voluntária e resultou na realização do primeiro painel de grafite da nossa escola.

2 Em sua obra *O Direito à Cidade*, Lefebvre explora a importância do valor de uso da cidade, em oposição a seu valor de troca e aos ideais disciplinadores dos planejadores urbanos. Ao defender a cidade como uma “obra humana coletiva”, o autor dá ênfase às trocas e aos usos não comerciais dos espaços da cidade, às atividades lúdicas, e à *Revista Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 101-118.

essa inspiração, iniciamos o trabalho no mês de maio assistindo vídeos com entrevistas e eventos gravados no ano anterior; discutindo leituras de artigos e trechos de livros sobre grafite e *street art* e planejando nossa primeira saída da escola, que aconteceria em agosto, rumo à Praça do Pacificador, no centro de Duque de Caxias.

Começamos com a leitura de um artigo sobre a arte urbana como expressão do direito visual à cidade (MARIANI, SANTIAGO e CARVALHO, 2018), que propõe uma reflexão sobre a contradição existente entre a garantia constitucional dos direitos culturais para todos e todas no Brasil e o processo de criminalização da arte urbana. As ideias de “limpeza visual” e de proteção ambiental são analisadas pelos autores como discursos que buscam justificar o apagamento das identidades visuais expressas nas artes urbanas, constituindo uma forma de violência ou um “genocídio simbólico” contra artistas marginalizados. Nessa perspectiva, a cidade como espaço de luta e de conquista permanente de novos direitos – incluindo o direito a participar da construção de uma visualidade urbana – constituiu, desde o princípio, um dos objetos de nosso maior interesse na discussão do tema.

O sentido de resistência associado às intervenções da arte urbana foi aprofundado também com a leitura de trechos do livro da artista, arte-educadora e psicóloga Anita Rink. Sua abordagem, voltada especialmente para o grafite (ou grafitti), explora o sentido da transformação dos espaços de uso comum a partir de uma perspectiva de democratização das cidades, que, por meio da arte urbana, se abrem para a circulação de novas ideias e para a produção de subjetividades (RINK, 2013).

Com o livro de Benke Carlsson e Hop Louie, composto por uma série de breves entrevistas, pudemos analisar o fenômeno da *street art* a partir do ponto de vista de artistas que atuam em diferentes lugares do mundo com as mais variadas técnicas de intervenção. Falas como a de Ron English sobre o espaço público como um direito humano, ou a de Swoon, sobre as paredes das cidades poderem ser vistas como “uma espécie de púlpito público” ou como o “único lugar aberto à espontaneidade”, entre muitas outras, nos foram bastante inspiradoras.

A partir dessas leituras iniciais, ficou claro para nós que, além do objetivo de quebrar a monotonia do cinza urbano e a onipresença da publicidade nos mais diferentes espaços, os artistas de rua procuram evidenciar o sentido do espaço urbano como espaço público, que deve abrigar e dar voz a expressões de diferentes visões de mundo. Os coletivos de artistas, suas

práticas e manifestações, são expressão desse desejo e dessa necessidade de interagir e participar da vida na cidade de forma ativa, ocupando e ressignificando espaços, reivindicando, como propõe Lefebvre, “o direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) [que] estão implicados no direito à cidade” (LEFEBVRE, 1968, p. 124).

Muitas dessas questões, que começamos a discutir a partir de leituras e da análise das gravações realizadas no ano anterior, voltaram a emergir nas falas de nossos interlocutores na Baixada em 2019, o que nos fez perceber a abrangência e a complexidade do fenômeno da arte urbana em suas manifestações locais e globais, identificando recorrências e especificidades no universo que nos dispusemos a considerar: o entorno da nossa escola.

1. A Praça do Pacificador é nossa

A Praça do Pacificador fica localizada no centro de Duque de Caxias. É local de passagem de muitas pessoas ao longo do dia e fica bem perto da nossa escola. A presença de terminais rodoviários, da estação de trem e de uma intensa atividade comercial incluindo lojas, camelôs e um pequeno mercado popular, é responsável pelo intenso ir e vir de passantes. Mas há também alguns eventos que fazem com que pessoas parem na praça para assistir ou participar.

Revitalizada no ano de 2004, a praça recebeu o título de “Centro Cultural Oscar Niemeyer”, tendo sido ali instalados dois grandes equipamentos públicos: a Biblioteca Governador Leonel Brizola e o Teatro Raul Cortez. O projeto arquitetônico foi criado por Niemeyer alguns anos antes como resposta a uma demanda de artistas e intelectuais da cidade atendida tardiamente pelo então prefeito José Camilo *Zito* dos Santos Filho, popularmente conhecido como Zito.³

Embora o projeto de intervenção em 2004 pretendesse promover uma requalificação daquele espaço, voltando sua vocação para atividades culturais e artísticas a partir da oferta dos novos equipamentos urbanos, pode-se dizer que a maior efervescência cultural ocorre mesmo no chão da praça. É ali que acontecem, em diferentes momentos e dias da semana, rodas e

3 Para uma análise aprofundada sobre o histórico da praça, as transformações ocasionadas por intervenções públicas ao longo do tempo e seus desdobramentos nos usos do lugar, ver: SANTOS, Adriana Batalha dos. *Entre a Praça do Pacificador e o Centro Cultural Oscar Niemeyer*. Dissertação de mestrado, UFF, 2014. *Revista Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 101-118.

“batalhas” de rimas; feiras de livro; pregações religiosas; ensaios de fanfarras; bailes charme entre outras atividades diversas. A partir da curiosidade sobre esses usos e em busca da retomada de contato com poetas de rua que havíamos conhecido em 2018, partimos para nosso primeiro trabalho de campo, em uma tarde de domingo no mês de agosto. O evento era uma roda de slam, na Praça do Pacificador.⁴

Combinei encontro com os alunos na própria praça e chegamos todos antes mesmo dos organizadores do evento, com os quais havia feito contato e confirmado a realização da semi-final do SLAM BXD, marcada para acontecer ali a partir das 15h. Estávamos eu, os sete estudantes (bolsistas e voluntários do projeto) e o meu filho, com seus 14 anos e muita disposição para me acompanhar nas aventuras pela Baixada Fluminense⁵. Esperamos um pouco e logo foram chegando os poetas, aos quais fomos nos apresentando enquanto instalávamos tripés e câmeras para registrar o evento. A autorização para filmar os eventos nos foi dada desde o início sem nenhuma restrição. Pelo contrário, os organizadores e os poetas mostraram grande interesse na nossa pesquisa, entendendo nosso projeto de documentário como um meio de dar maior visibilidade ao trabalho por eles realizado em outros espaços e de fortalecer o movimento do slam.

Maui e Jomboh, organizadores do evento e também poetas, são rapazes extremamente talentosos, simpáticos e cheios de energia para tocar projetos incríveis como o SLAM BXD - primeiro slam da Baixada Fluminense. Nos últimos 3 anos foram responsáveis pela organização das rodas na praça, realizando também oficinas em escolas e integrando diversos coletivos de arte na Baixada.

O grito “*Tiroteio de poesia! Tráfego de rima! Slam BXD!*”, puxado por Maui e Jomboh e repetido em coro pelos presentes, expressa uma das intenções do evento – chamar atenção para a riqueza que há por trás dos estereótipos que permeiam o imaginário sobre a vida na

4 O Slam, de *Slam Poetry* (batidada de poesia), é um evento de poesia falada organizado por jovens que usam o espaço público em ruas, praças e transportes coletivos para levar suas rimas ao coração das cidades, recitando em voz alta e chamando a atenção dos passantes que se juntam às rodas seduzidos pela força das performances, animadas por gritos que identificam grupos e coletivos. Os *slams* cresceram muito nos últimos anos, sobretudo nas periferias das grandes cidades no Brasil e no mundo e suas competições ganharam destaque em eventos internacionais como a FLUP – Feira Literária das Periferias, que acontece anualmente na cidade do Rio de Janeiro e a FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty.

5 A companhia de Luiz nos trabalhos de campo na praça e em alguns eventos dentro e fora da escola ao longo do desenvolvimento desse projeto foi motivo de muita satisfação para nós dois. Ele certamente aprendeu muito conhecendo lugares e pessoas interessantes e generosas, e eu fiquei muito feliz de poder apresentar a ele um pouco da arte da Baixada e também do meu trabalho.

Baixada Fluminense: a arte e a poesia da juventude periférica, disparados como tiros certos contra preconceitos e violências presentes no cotidiano das cidades.

A generosidade e o entusiasmo com que Maui e Jomboh recebiam os poetas que chegavam de vários lugares e se juntavam à roda, chamaram nossa atenção desde o início. Diante de tão calorosa recepção, rapidamente pudemos sentir que aquela praça também era nossa, e em algumas horas de convivência já conseguíamos nos sentir parte daquela grande “família”. O sentimento de ser parte de algo em comum compartilhado com todos ali presentes e o desejo de ocupar o espaço público com a livre expressão do discurso crítico e engajado de uma juventude marcadamente antirracista, anti-machista, anti-homo, trans e gordofóbica davam o tom. Corpos diversos e mentes alertas contra todo tipo de opressão reuniam-se ali, criando e vivendo a arte e a cultura de forma independente e autônoma, com o protagonismo de atores que tinham e têm muito a dizer e a mostrar sobre seu potencial.



Estudantes em trabalho de campo se juntam ao grupo do Slam BXD na Praça do Pacificador, tendo ao fundo o teatro Raul Cortez. Na hora do encerramento, depois de mais de quatro horas de poesia na praça, todos são chamados a se juntar para a foto final. O evento é totalmente democrático. Jurados são escolhidos ali na hora, entre os presentes. Há também regras básicas sobre o respeito ao espaço da praça e critérios para o momento da batalha, que são seguidas à risca por todos.⁶

Nesse clima de acolhimento pelo qual fomos envolvidos naquela tarde e em outras situações em que nos encontramos com nossos novos amigos, tivemos ainda uma grata surpresa

⁶ Todas as fotografias aqui apresentadas são da autora.
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 101-118.

envolvendo um dos alunos voluntários que compunham nosso grupo: a poesia de Jand, recitada em uma surpreendente performance que nenhum de nós esperava ver⁷.

No momento em que se abre a roda do slam, o *slammaster*⁸ Maui sempre faz uma cuidadosa exposição dos princípios e das regras da batalha que vai se iniciar, contando também a história do início e do crescimento do movimento dos slams na Baixada Fluminense, sua integração a eventos e competições nacionais e internacionais, lembrando casos de jovens poetas que começaram a escrever e a recitar ali, sem grandes pretensões, e que acabaram ganhando destaque em uma cena que, apesar de ser local, se expande para âmbitos cada vez mais abrangentes⁹.

A fala inicial do *slammaster* costuma ser bastante eficiente no objetivo de acolher os presentes e de motivar aqueles que guardam suas poesias a espera de um espaço e momento adequado para que sejam reveladas. Assim aconteceu com nosso querido Jand, estudante da terceira série na época e atualmente aluno da faculdade de cinema na Universidade Federal Fluminense, que nos ofereceu uma emoção a mais naquela tarde. Depois de ser provocado com a pergunta dirigida naturalmente a todo o nosso grupo: “Alguém aí vai batalhar hoje? Tem mic aberto!”¹⁰ ele simplesmente aceitou o convite e foi literalmente abraçado por Maui, que o colocou no meio da roda.

7 Outra pessoa com quem aprendemos muito nessa experiência foi a “Tia Silvinha”, mulher negra madura, sensível, forte e amorosa, assim apelidada por aquela juventude que a reverencia carinhosamente por sua trajetória de luta em defesa da cultura na Baixada. Silvia de Mendonça tem uma longa história de relação com o teatro e com a política cultural, tendo participado da primeira TV comunitária da Baixada Fluminense no final dos anos 1980, com memórias incríveis que renderiam um artigo à parte. Tornou-se uma grande parceira para nossos projetos na escola, merecedora de minha profunda admiração.

8 *Slammaster* é o mestre de cerimônia do slam. É ele quem apresenta os poetas, organiza os jurados e puxa os gritos que animam as apresentações.

9 Maria Duda, jovem poeta ex-aluna da nossa escola e estudante de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é um desses casos de reconhecido sucesso. Ela já realizou diversas apresentações em vários slams e em outros eventos de destaque como o festival *Rock in Rio*. Pude assisti-la em uma mesa redonda na FLUP – Festa Literária das Periferias – em 2018, e outras vezes na Praça do Pacificador. Em 2019, Maria Duda publicou seu primeiro livro, *Navio Negreiro*, pela editora Malê. Um belíssimo livro com as poesias que ela recita nos slams e que tornou-se referência para muitos outros jovens *slammers*, não só na Baixada Fluminense.

10 O momento do “Mic aberto” é o momento em que o microfone fica aberto a quem quiser falar ou recitar alguma poesia, antes do início da batalha, onde acontece de fato a competição com participação dos jurados. É importante ressaltar que nem sempre o poeta usa o microfone. Muitos preferem usar a voz sem amplificação, aproveitando as mãos livres para enriquecer a performance que envolve por vezes intensos movimentos de expressão corporal.



Estudantes assistem, registram e participam do slam BXD na Praça do Pacificador em Duque de Caxias. Na foto, Jand se prepara para recitar sua poesia pela primeira vez no evento, apoiado pelo *slammaster* Maui. Foto de agosto de 2019.

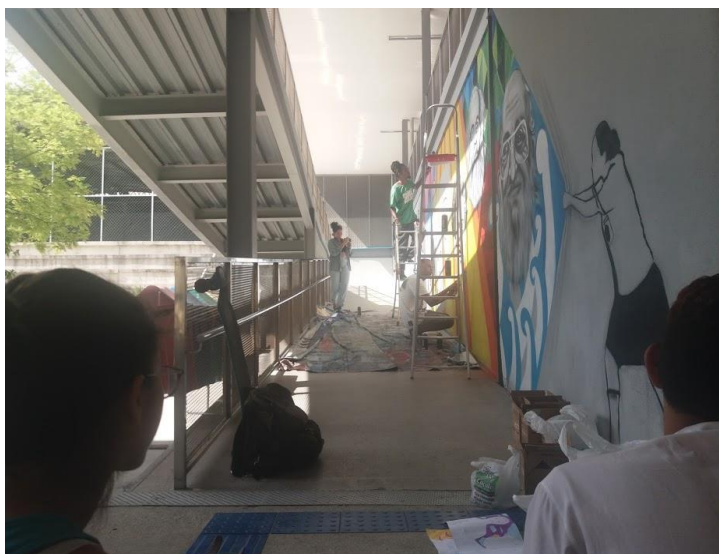
A performance de Jand foi o fato mais comentado em nossa reunião no dia seguinte na escola, e nos fez repensar a proposta do filme que planejávamos realizar. Não mais falaríamos sobre a arte urbana na Baixada fluminense (ideia que já nos parecia desde o início um tanto além de nossas possibilidades). Abordaríamos, a partir de vivências propriamente nossas, a relação da escola com seu entorno, explorando os aprendizados de mão dupla que ligam artistas de dentro e de fora: poetas, *rappers*, grafiteiros e, por que não, cineastas amadores.

Considerando nosso ponto de partida teórico, essa escolha metodológica de focar a análise nas nossas experiências no que diz respeito ao contato com a arte urbana dentro e fora da escola, nos permitiu ver a nós mesmos como participantes ativos dessa dinâmica de construção dos lugares. Entender a cidade (e, por extensão a própria escola) como obra, requer pensar em uma escrita não acabada sobre os espaços que habitamos. “Quem lê esse livro aberto?”, “Quem percorre essa escrita?” - se pergunta Lefebvre ao tratar da construção do urbano como obra dos cidadãos. Nós, professoras e estudantes que vivenciamos essa experiência de aproximação da escola com a arte de rua, podemos então nos perguntar: Que história é essa que estamos escrevendo? Como ela pode ser lida e quem são seus personagens? Quais necessidades e desejos da nossa coletividade estão em jogo nessa construção?

2. Refazendo pontes e ampliando a presença da arte na nossa escola

Além do slam - que já se tornara uma paixão desde o ano anterior quando das primeiras visitas aos eventos na Praça do Pacificador, e que já chegara dentro da nossa escola por iniciativa da professora de língua portuguesa envolvendo alunos em competições internas –, outra manifestação da arte urbana da qual pretendíamos nos reaproximar era o grafite.

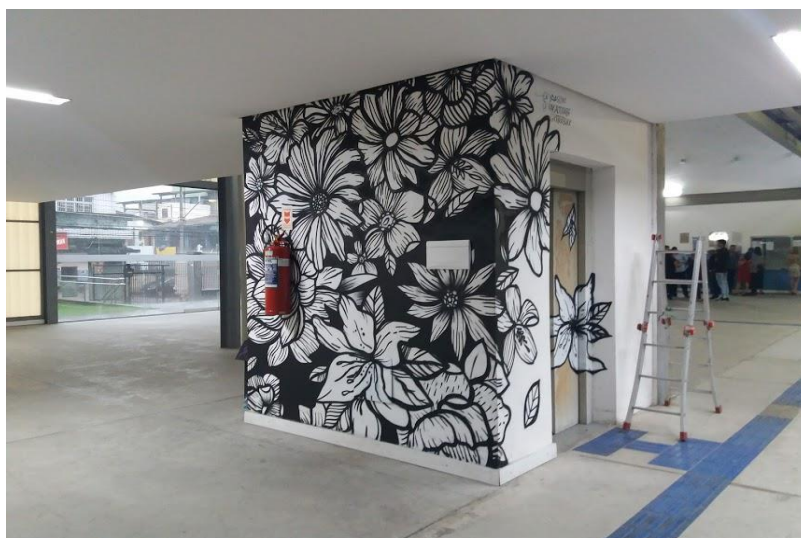
Em 2018, atendendo a um convite da professora de artes visuais, a grafiteira Lu Brasil esteve na escola para ministrar uma oficina e preparar os dois estudantes vencedores de um concurso de desenho organizado por nós visando a confecção de um grande painel de grafite na escola. No dia da grafiteagem, que aconteceu em fevereiro de 2019, colaboraram mais dois grafiteiros que nos foram apresentados por Lu Brasil – Klebert Black e Rodrigo Mais Alto, ambos moradores de Caxias, praticamente vizinhos da nossa escola.



Primeira grafiteagem no CPII Caxias, em fevereiro de 2019. Ana e Lucas, autores dos desenhos vencedores do concurso, observam os grafiteiros Klebert Black e Mais Alto colocando a arte na parede. Os estudantes também trabalharam com as latas de spray junto com amigos que foram convidados para colaborar na pintura. Trabalho coletivo de muita troca e aprendizado.

A experiência com a realização desse trabalho, que uniu estudantes a grafiteiros dispostos a ensinar suas técnicas, foi muito interessante. O vínculo criado pôde ser recuperado meses mais tarde com um convite feito para uma outra grafiteagem – prêmio para o vencedor do segundo concurso de desenho realizado em 2019. Dessa vez, os alunos do projeto cuidaram da divulgação do concurso e de toda a preparação necessária para a recepção dos grafiteiros, realização de entrevista e filmagem do dia da pintura. Lu Brasil não participou, mas Klebert

Black e Mais Alto estiveram presentes, mesmo na ausência do recurso de que dispusemos no ano anterior para pagar pelo trabalho, como seria o mais justo. Ficamos com a parceria, a amizade e a vontade de manter a ponte que passou a nos ligar mais diretamente a esse universo do grafite, que sempre esteve tão vivo em nosso entorno e que vem aos poucos conquistando seu espaço também dentro da escola.



Arte da aluna Yasmim, vencedora do segundo concurso de desenho do CP II Caxias, no grafite de Klebert Black e Mais Alto. O desenho inscrito no concurso respeitava os limites da parede originalmente destinada à grafiteagem.

No entanto, a arte acabou se expandindo para a parede ao lado. A sugestão de adaptação do desenho foi dos grafiteiros, e o trabalho levou a assinatura de seus três autores. Foto de dezembro de 2019, CP II Caxias.

Outro contato que havia se iniciado no ano anterior e foi retomado em um trabalho de campo que realizei sem os estudantes em 2019 também nos legou uma bela aprendizagem. Trata-se do coletivo BaixadaCine, composto por jovens da Baixada Fluminense produtores de um cinema independente que classificam como periférico. Além de produzir seus próprios filmes, o coletivo realiza projeções em locais improvisados ou em espaços culturais da Baixada, com o desejo de tornar a arte e a cultura mais acessíveis aos moradores da região.

Por conta da dificuldade de acesso e do horário programado para a atividade em questão – uma mostra dos vídeos produzidos na Oficina de Cinema Periférico realizada em uma noite de sexta-feira -, os estudantes não puderam ir até o Centro Cultural Donana, localizado em uma rua afastada do centro do município de Belfort Roxo, vizinho distante de Duque de Caxias.

O município, conhecido pela ausência de equipamentos e de infraestrutura que atendam a uma numerosa população, e pela presença marcante da violência urbana em suas diferentes manifestações, esconde essa pequena ilha de efervescência cultural, habilmente dirigida pelo proprietário da casa que o abriga – o multiartista e agitador cultural Dida Nascimento¹¹.

Quem nos convidou para ir até o Donana foi Sandro Garcia, jovem integrante do Coletivo BaixadaCine e morador de Belford Roxo, que organizou a oficina de cinema periférico junto com um professor do IFRJ - *Campus* Belford Roxo, tendo comandado toda a apresentação do evento naquela noite. Seu discurso em defesa da construção de narrativas próprias que possam ser transformadas em filmes feitos por pessoas comuns conquistou outros jovens do lugar, que apresentaram entusiasmados suas primeiras produções, realizadas com recursos tecnológicos mínimos, muita criatividade e cooperação.



No Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, Sandro prepara a projeção dos curtas produzidos por jovens que participaram da sua Oficina de Cinema Periférico em mostra aberta ao público. Foto de novembro de 2019.

Participando do evento, pude notar que ninguém ali estava preocupado em ser reconhecido por um grande feito cinematográfico ou por um público especializado. Estavam todos muitos felizes com a possibilidade de mostrar para as pessoas daquele lugar que as vidas e as experiências compartilhadas ali podem também se tornar enredos de filmes, e que a periferia pode ter e fazer seu próprio cinema¹².

11 Dida integrou, nos anos 1980, uma banda chamada KMD5, de onde saíram membros d'O Rappa e da Cidade Negra, bandas de grande reconhecimento público na atualidade. Atualmente mantém o Centro Cultural Donana com colaborações de parceiros, oferecendo oficinas e promovendo eventos com acesso livre à população local.

12 Para conhecer melhor as iniciativas do coletivo BaixadaCine e do Cineclube Velho Brejo, ver reportagem publicada no site do RioOnWatch “BaixadaCine Quer Transformar Belford Roxo na ‘Cidade do Amor’ ao Cinema”, por Thábara Garcia. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=43705>.

Sandro já havia estado conosco na escola em 2018, concedendo entrevista para nosso projeto anterior e apresentando a peça teatral “Lendas da Baixada”, que resultou de uma oficina de teatro realizada pelo SESC de São João de Meriti, outro município da Baixada Fluminense, vizinho de Caxias e de Belford Roxo. Em 2019 ele retornou, a convite dos próprios alunos, para exibir filmes e para falar sobre a oficina de cinema periférico em um evento produzido pelas frentes estudantis negra, feminista e LGBT (organizações autônomas dos estudantes do CPII Caxias) – a I Semana da Diversidade.

3. Os maiores eventos do ano: O MOF e a I Semana da Diversidade no CPII Caxias

O ano de 2019 foi mesmo bastante agitado, não só pelas saídas a campo, mas também pelos eventos importantes que aconteceram dentro da escola. Desde o início de nossas conversas sobre o projeto, tínhamos em mente o desejo de participar do grande evento de arte urbana que ocorre anualmente no bairro Vila Operária em Caxias, o MOF - *Meeting of Favela*. O evento reúne grafiteiros de várias partes do Brasil e do mundo para um mutirão de grafite considerado o maior da América Latina. Além da grafiteagem, acontecem simultaneamente ao longo de um final de semana, uma série de apresentações de música, dança, discotecagem e poesia. Assim que soubemos as datas em que o evento aconteceria, marcamos na agenda e continuamos tocando nossas atividades na escola.

Enquanto corriam os meses do segundo semestre, fizemos roda de conversa com poeta convidada, entrevistamos alunos artistas, fomos à final do Slam BXD na praça; organizamos um campeonato de slam com os estudantes, como parte da programação de nossa já tradicional Feira Integrada; e seguimos com nossos registros audiovisuais, decupagens de imagens e reuniões para pensar o roteiro do documentário.

Nem todos puderam estar presentes em todas as atividades programadas, mas havia sempre alguém para tomar a frente da preparação das câmeras, da organização dos arquivos de vídeo ou da elaboração dos roteiros de entrevistas, programando junto comigo as etapas do trabalho. E enquanto tudo isso acontecia envolvendo um pequeno grupo de alunos ligados ao projeto de Iniciação Artística e Cultural como bolsistas ou voluntários, um conjunto muito maior de estudantes da nossa escola se articulava de forma completamente autônoma em uma

movimentação que contou com o apoio da Direção e de todo o corpo docente – a preparação da I Semana da Diversidade.

A ideia do evento partiu das Frentes Negra, Feminista e LGBT, que prepararam com extrema responsabilidade uma extensa programação de oficinas, mesas redondas, palestras, apresentações e até uma roda de slam, com a participação dos nossos amigos da praça. Maui, do BXD, aceitou o convite e foi o nosso *slammaster*¹³. Jomboh e tia Silvinha também estavam lá. Foram todos recebidos com muito respeito e carinho pelos próprios estudantes que fizeram os convites, arrecadaram dinheiro para pagar ajuda de custo de deslocamento e lanche, ofereceram certificados e presentes.

A I Semana da Diversidade do CP2 Caxias aconteceu entre os dias 22 e 23 de novembro, tendo como mote o Dia da Consciência Negra. Em anos anteriores, a Frente Negra já costumava se organizar propondo atividades e intervenções temáticas em dias próximos a essa data. Em 2019, a ideia de se unirem as três frentes, ampliando a perspectiva do tema para discutir a diversidade na escola, foi uma grande prova de crescimento e de capacidade organizativa dos estudantes, que deixaram todos nós servidores, que acompanhamos e apoiamos todo o processo, extremamente satisfeitos e orgulhosos.

13 Nas primeiras experiências que havíamos tido com slams na escola, a condução costumava ficar a cargo das professoras e professores organizadores, que eram também os jurados que davam as notas aos estudantes inscritos. As competições aconteciam em espaços como o auditório da escola, com os poetas e jurados no palco. A experiência de participar do Slam BXD na praça permitiu que os estudantes passassem a atuar mais ativamente na preparação dos slams, sugerindo o uso do formato da roda e a utilização dos termos e das regras que conheceram nos trabalhos de campo que realizamos, criando um grito próprio para o Slam CPIX Caxias e sentando no chão para ouvir de perto os poetas. Antes de recebermos o *slammaster* do BXD na escola, um aluno voluntário do projeto já havia feito esse papel em outro slam que produzimos no mesmo ano, seguindo moldes parecidos aos do evento da praça e garantindo maior protagonismo aos estudantes, que atuaram inclusive como jurados. Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 101-118.



Maui, *slammaster* do Slam BXD, comanda slam na quadra do CPII Caxias a convite dos estudantes, que se inscreveram para participar da competição recitando suas poesias. Foto de novembro de 2019.

Passado o evento dos estudantes, poucos dias depois já estávamos às vésperas do MOF. Mesmo cansados de um ano inteiro de intensa atividade, sabíamos que não poderíamos faltar àquele compromisso que havíamos firmado desde o início do ano. Como o evento ocorre ao longo de um fim de semana inteiro, podíamos escolher entre ir no sábado ou no domingo. Para mim, o sábado era inviável por conta de compromissos familiares inadiáveis; para meus alunos, o domingo era mais complicado, por conta da menor oferta de transporte público na cidade e pelo perigo de se deslocarem por ruas mais desertas. Lamentei muito não poder ir no sábado, pois sabia que estava na programação o slam BXD, no entanto os alunos disseram que tentariam ir, e que nos falaríamos para combinar um possível retorno no dia seguinte.



Na Vila Operária, o MOF, maior evento de grafite da América Latina, reúne artistas de vários lugares para um grande mutirão. Os moradores das casas autorizam a grafiteagem e anualmente as paredes são repintadas para dar lugar a novas artes. Foto de dezembro de 2019.

4. Protagonismo e autonomia dos estudantes

Acabei indo sozinha ao MOF no domingo, dia 8 de dezembro de 2019. Sabia que encontraria algum conhecido por lá, e que me sentiria tão à vontade quanto me senti nos eventos da praça. A base que concentra toda a organização do evento é uma escola municipal, onde se alojam as pessoas que vêm de fora e onde ocorrem as refeições oferecidas aos participantes. Na quadra da escola, que fica aberta por um acesso externo, acontecem as apresentações.

Parei meu carro perto da Praça Humaitá, de onde segui a pé até o alto do morro onde fica a escola. Passando por ruas, becos e escadarias pude ver grafiteiros e grafiteiras, geralmente em grupo ou em dupla, iniciando suas pinturas. Fui subindo, observando e puxando assunto com alguns grafiteiros. No percurso fotografei e gravei rápidas entrevistas, acreditando que talvez a ida de meus alunos até lá na véspera pudesse não ter rendido tanto, afinal eu não estava lá para dar as orientações de sempre ou para abrir caminhos apresentando pessoas como vinha fazendo nas outras atividades de campo.

Chegando no alto do morro na Vila Operária encontrei vários conhecidos e aproveitei o evento, fazendo sempre meus registros. Voltei pra casa muito animada com tudo que tinha visto e ansiosa para dividir com meus alunos as impressões que tivemos sobre o evento (será que eles teriam ido mesmo no sábado?).

Trocamos algumas fotos rapidamente pelo celular, mas quando cheguei na escola na segunda-feira foi que fiquei sabendo dos detalhes. Eles foram até a Vila Operária junto com a turma do Slam BXD, participaram da batalha de poesia e um dos nossos alunos que acompanhava o grupo empatou na competição final com a poeta Valentine - campeã de muitos slams e amplamente reconhecida no meio. Outros dois alunos também recitaram poesias na MOF. O grupo circulou a vontade pelo evento, gravou entrevistas, mostrou grande desenvoltura no contato com nossos interlocutores, se integrando de fato naquele movimento que acontece nas ruas, e que tivemos o prazer de levar também para dentro da nossa escola.



Em outubro de 2019, o slam da Feira Integrada contou com o protagonismo do estudante Felipe, que fez o papel de *slammaster*, compartilhando com seus colegas o que aprendeu com a turma do slam BXD e recriando a arte de rua na quadra da escola.

5. Quem vai contar a nossa história e como ela será contada?

Não tenho dúvida de que todas essas vivências foram, para mim, as mais marcantes dos últimos anos na escola. O que mais me alegrou foi ver propostas de trabalho apresentadas por professoras encontrando ressonância na vida dos estudantes e sendo levadas adiante por eles próprios com ações pedagógicas que nos revelaram, na prática, o quanto a produção de conhecimento não se dá em uma via de mão única. A experiência com esse projeto nos mostrou também que a escola deve estar sempre aberta às manifestações populares, seja na literatura ou nas artes em geral, e que os saberes acadêmicos só têm a ganhar nessa troca.

No histórico das minhas vivências que envolvem experiências interdisciplinares e propostas de intervenção artística na escola, as parcerias com as professoras Janaína Laport (artes visuais) e Glaucia Secco (língua portuguesa) têm importância fundamental. O interesse de Janaína em promover a aproximação dos nossos alunos com a arte do grafite foi o que me inspirou a desenvolver projetos abordando a relação entre arte urbana e usos da cidade. Glaucia foi a primeira a produzir slams na escola, e temos trabalhado juntas em muitas outras parcerias enriquecedoras. Profissionais extremamente capazes e comprometidas, com as quais divido muitas memórias marcantes e histórias para contar.

Quanto ao projeto do documentário, no final de 2019 tínhamos encerrado nossas gravações e estávamos com tudo pronto para a edição. Tínhamos uma ideia de divisão do filme em capítulos e sabíamos quais imagens seriam aproveitadas em cada um deles. A ideia era que os estudantes iniciassem o trabalho de edição nas férias de janeiro e que os ajustes finais fossem feitos após o retorno das atividades escolares, para que o filme pudesse ser apresentado na mostra anual dos trabalhos de Iniciação Artística e Cultural do Colégio. Infelizmente, o evento precisou ser desmarcado, assim como todos os nossos compromissos, já em meados do mês de março, e nosso filme nem chegou a ficar pronto. Nesse tempo de pandemia que estamos vivendo desde então, em que não posso estar nem na escola e nem na rua, há meses sem ver meus alunos, lembrar de tudo o que vivemos tem um significado especial. Escrever esse texto é também uma maneira de reforçar o agradecimento a todos pela experiência vivida.

Nosso documentário ainda pode vir a ser editado e finalizado. Os registros estão feitos, temos um roteiro mais ou menos elaborado, e as memórias estão vivas em nós. De qualquer forma, o mais importante foi a mudança que tudo isso já produziu nas nossas vidas e na nossa escola. Certamente encontraremos, cada um a seu modo, as melhores maneiras de contar essas histórias, porque elas são nossas e estão carregadas de afeto. São a prova de que os *espaços* em que vivemos – a cidade, o bairro, a escola – se tornam *lugares* quando os preenchemos de sentido e significado por meio do uso compartilhado com outras pessoas; quando desenvolvemos o sentimento de pertencimento e nos apropriamos deles.

Esses espaços se tornarão públicos, efetivamente – e isso vale tanto para a rua como para escola – quando forem capazes de abrigar a coexistência de pessoas, ideias e manifestações culturais diversas, como partes criadoras de uma “obra coletiva”. Partindo desses pressupostos,

na história que quero contar, desejo que a diversidade, a cultura, a arte e a troca de saberes tenham sempre lugar de destaque.

Referências bibliográficas

CARLSON, Benke e LOUIE, Hop. Street Art. Técnicas e materiais para arte urbana. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

DUDA, Maria. Navio Negroiro. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

GARCIA, Thábara. *BaixadaCine Quer Transformar Belford Roxo na 'Cidade do Amor' ao Cinema*. Reportagem publicada no site RioOnWatch, em 23/10/2019. Consulta virtual. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=43705>. Acesso em 4/10/2020.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Documentos, 1968.

MARIANI, Carla, SANTIAGO, Gilson e CARVALHO, Claudio. A arte urbana como expressão do direito visual à cidade. Disponível em: <https://www.justificando.com/2018/08/28/aa-arte-urbana-como-expressao-do-direito-visual-a-cidade/>. Acesso em: 30/11/2020.

RINK, Anita. *Graffiti: Intervenção Urbana e Arte*. Apropriação dos espaços urbanos com arte e sensibilidade. Curitiba: Appris, 2013.

SANTOS, Adriana Batalha dos. Entre a Praça do Pacificador e o Centro Cultural Oscar Niemeyer. Dissertação de mestrado, UFF, 2014.